



VESTIBULAR MEIO DE ANO 2004

Nome do candidato

Número da carteira

PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

CADERNO DE QUESTÕES

INSTRUÇÕES

1. Dobrar este caderno ao meio e cortá-lo na parte superior.
2. Preencher com seu nome e número da carteira os espaços indicados nesta página.
3. Assinar com caneta de tinta azul ou preta a capa do seu Caderno de Respostas, no local indicado.
4. Esta prova contém 10 questões e um tema de redação e terá duração de 4 horas.
5. O candidato somente poderá entregar o Caderno de Respostas e sair do prédio depois de transcorridas 2 horas, contadas a partir do início da prova.
6. Ao sair, o candidato levará este caderno.

QUESTÕES

INSTRUÇÃO: Leia o texto seguinte e responda as questões de números **01** a **03**.

E existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! Mas que bandeira é esta.
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio!... Musa! Chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no seu pranto...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora *o brigue imundo*
O trilho que Colombo abriu na vaga,
Como um íris no pélagos profundo!...
... Mas é infâmia demais... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! Arranca este pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta de teus mares!

(Castro Alves, *Navio negreiro*.)

01. Nessas três estrofes que encerram o poema de Castro Alves, o poeta (enunciador do texto) mantém um tom de indignação diante do que vê, qual seja, a cena de negros sendo transportados desumanamente em um navio para serem vendidos como escravos. Com base nisso, responda:

- a) Na 1.^a estrofe, quais são as duas palavras por meio das quais o enunciador caracteriza a cena que vê?
- b) Ainda na 1.^a estrofe, por que o enunciador refere-se à bandeira? Por que motivo caracteriza-a como *manto impuro de bacante fria*, no 4.^o verso dessa mesma estrofe?

02. Na 2.^a estrofe, o enunciador do texto identifica o povo a quem pertence a bandeira que está hasteada na gávea (mastro real) do navio. Tomando por base essa 2.^a estrofe:

- a) Identifique dois sinônimos empregados pelo enunciador em substituição ao vocábulo “bandeira”. Identifique ainda um terceiro termo, em sentido metafórico, empregado para designar e qualificar a mesma bandeira.
- b) Que figura de linguagem é utilizada pelo poeta no 2.^o verso dessa estrofe? Em que consiste essa figura?

03. Na última estrofe do poema, o sujeito enunciador condena o brigue (antigo navio a velas) que transporta os negros escravos em direção ao Brasil. Para tanto, faz referência a fatos históricos. Partindo dessa idéia, responda:

- a) Qual é a relação, segundo o poeta, entre o navio negreiro e as naus de Colombo?
- b) Quem o poeta invoca para agir diante do que vê? O que pede para fazerem?

INSTRUÇÃO: Leia o texto seguinte e responda as questões de números **04** a **06**.

– Mulato!

Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos, que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; a conversa cortada no momento em que Raimundo se aproximava; as reticências dos que lhe falavam sobre os seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue; a razão pela qual D. Amância lhe oferecera um espelho e lhe dissera: “Ora mire-se!” a razão pela qual diante dele chamavam de meninos os moleques da rua. Aquela simples palavra dava-lhe tudo o que ele até aí desejara e negava-lhe tudo ao mesmo tempo, aquela palavra maldita dissolvia as suas dúvidas, justificava o seu passado; mas retirava-lhe a esperança de ser feliz, arrancava-lhe a pátria e a futura família; aquela palavra dizia-lhe brutalmente: “Aqui, desgraçado, nesta miserável terra em que nasceste, só poderás amar uma negra da tua laia! Tua mãe, lembra-te bem, foi escrava! E tu também o foste!”

– Mas, replicava-lhe uma voz interior, que ele mal ouvia na tempestade do seu desespero; a natureza não criou cativos! Tu não tens a menor culpa do que fizeram os outros, e no entanto és castigado e amaldiçoado pelos irmãos daqueles justamente que inventaram a escravidão no Brasil!

E na brancura daquele caráter imaculado brotou, esfervilhando logo, uma ninhada de vermes destruidores, onde vinham o ódio, a vingança, a vergonha, o ressentimento, a inveja, a tristeza e a maldade. E no círculo do seu nojo, implacável e extenso, entrava o seu país, e quem este primeiro povoou, e quem então e agora o governava, e seu pai, que o fizera nascer escravo, e sua mãe que colaborara nesse crime. “Pois então de nada lhe valia ter sido bem educado e instruído; de nada lhe valia ser bom e honesto?... Pois naquela odiosa província, seus conterrâneos veriam nele, eternamente, uma criatura desprezível, a quem repelem todos do seu seio?...” E vinham-lhe então, nítidas à luz crua do seu desalento, as mais rasteiras perversidades do Maranhão; as conversas de porta de botica, as pequeninas intrigas que lhe chegavam aos ouvidos por intermédio de entes ociosos e abjetos, a que ele nunca olhara senão com desprezo. E toda essa miséria, toda essa imundícia, que até então se lhe revelava aos bocadinhos, fazia agora uma grande nuvem negra no seu espírito, porque, gota a gota, a tempestade se formara. E, no meio desse vendaval, um desejo crescia, um único, o desejo de ser amado, de formar uma família, um abrigo legítimo, onde ele se escondesse para sempre de todos os homens.

(Aluísio Azevedo, *O mulato*.)

- 04.** O trecho do romance de Aluísio Azevedo revela a surpresa e a revolta de Raimundo ao saber que é filho de uma escrava, quando pede explicações de seu tio, Manuel Pedro da Silva, a respeito do motivo pelo qual lhe havia sido recusado o pedido de casamento com Ana Rosa, filha de Manuel.
- a) Qual é a palavra empregada por Manuel para caracterizar Raimundo e que lhe causa tamanho estupor? O que ela significa?
 - b) Por que a personagem Raimundo diz, no 2.º parágrafo, que, a partir do momento em que sabe a verdade, entende a atitude das famílias de origem portuguesa com quem se relacionou ao chegar à cidade de São Luís?
- 05.** Logo após a morte de seu irmão, pai de Raimundo, Manuel Pedro enviou o então menino para Portugal para que fosse criado lá. Raimundo formou-se em direito na universidade de Coimbra, sendo considerado excelente aluno.
- a) Que passagem do texto mostra que o preconceito racial era superior ao reconhecimento de sua formação e caráter?
 - b) Diante da situação aflitiva em que se encontrava, ao entender que era alvo de preconceito e que seu futuro seria a infelicidade, que sentimento passa a se apoderar de Raimundo?

06. Considere os recursos de linguagem utilizados no trecho do romance de Aluísio Azevedo e responda:

- a) O narrador do texto reproduz a voz de quem? Que tipo de discurso é comum nesse contexto narrativo? Cite um exemplo desse tipo de discurso, retirando-o do texto.
- b) Contrariamente à condenação do racismo expressa no texto, é possível afirmar que, no último parágrafo, ao caracterizar a personagem Raimundo, o narrador acaba reforçando a positividade do branco e a negatividade do negro? Mostre isso por meio de trechos retirados do próprio texto.

INSTRUÇÃO: Leia o texto seguinte e responda as questões de números **07** e **08**.

(...) logo de início uma discriminação se impõe: entre a influência pura do negro (que nos é quase impossível isolar) e a do negro na condição de escravo. “Em primeiro lugar o mau elemento da população não foi a raça negra, mas essa raça reduzida ao cativo”, escreveu Joaquim Nabuco em 1881. Admiráveis palavras para terem sido escritas na mesma época em que Oliveira Martins sentenciava em páginas gravíssimas: “Há decerto, e abundam os documentos que nos mostram no negro um tipo antropológicamente inferior, não raro próximo do antropóide, e bem pouco digno do nome de homem.”

Sempre que consideramos a influência do negro sobre a vida do brasileiro, é a ação do escravo, e não a do negro por si, que apreciamos. Ruediger Bilden pretende explicar pela influência da escravidão todos os traços de formação econômica e social do Brasil. Ao lado da monocultura, foi a força que mais afetou a nossa plástica social. Parece às vezes influência de raça o que é influência pura e simples do escravo: do sistema social da escravidão. Da capacidade imensa desse sistema para rebaixar moralmente senhores e escravos. O negro nos aparece no Brasil, através de toda nossa vida colonial e da nossa primeira fase da vida independente, deformado pela escravidão. Pela escravidão e pela monocultura de que foi o instrumento, o ponto de apoio firme, ao contrário do índio, sempre movediço.

Goldenweiser salienta quanto é absurdo julgar-se o negro, sua capacidade de trabalho e sua inteligência, através do esforço por ele desenvolvido nas plantações da América sob o regime da escravidão. O negro deve ser julgado pela atividade industrial por ele desenvolvida no ambiente de sua própria cultura, com interesse e entusiasmo pelo trabalho.

Do mesmo modo, parece-nos absurdo julgar a moral do negro no Brasil pela sua influência deletéria como escravo. Foi o erro grave que cometeu Nina Rodrigues ao estudar a influência do africano no Brasil: o de não ter reconhecido no negro a condição absorvente de escravo. “Abstraindo pois”, escreve ele às primeiras páginas de seu trabalho sobre a raça negra na América Portuguesa, “da condição de escravos em que os negros foram introduzidos no Brasil e apreciando as suas qualidades de colonos como fariamos com os que de qualquer outra procedência, etc.” Mas isto é impossível. Impossível a separação do negro, introduzido no Brasil, de sua condição de escravo.

(Gilberto Freire, *Casa-grande & senzala*.)

07. O livro de Gilberto Freire, do qual foi extraído o trecho acima, publicado inicialmente em 1933, interpreta o passado colonial brasileiro para discutir a identidade de nossa sociedade. Com base na leitura desse trecho, responda:

- a) No 1.º parágrafo, qual é a diferença apontada pelo autor entre o pensamento de Joaquim Nabuco e o de Oliveira Martins, por meio das duas frases citadas de cada um deles?
- b) Segundo Freire, de que ponto de vista sempre se considera a influência do negro sobre a vida do brasileiro?

08. Observe ainda o texto de Gilberto Freire para fazer o que é solicitado.

- a) Explique a afirmação do autor de que o negro foi “deformado” pela escravidão e pela monocultura de que foi o instrumento, quando se pretende abordar a formação econômica e social do Brasil.
- b) Identifique no último parágrafo um pronome que é utilizado por Freire para retomar uma referência feita a Nina Rodrigues.

INSTRUÇÃO: Leia o texto seguinte e responda as questões de números **09** e **10**.

A boca era de Sérgio Dezenove, também conhecido como Grande, bandido famoso em todo o Rio de Janeiro pela sua periculosidade e coragem, pelo seu prazer em matar policiais. Grande também fora morador da extinta favela Macedo Sobrinho, mas não foi morar em Cidade de Deus, porque achava que ali seria muito fácil a polícia o encontrar. Gostava de morro, de onde se pode observar tudo de sua culminância. Havia se escondido em quase todo o Rio de Janeiro, dos morros da Zona Sul até a Zona Norte, mas a polícia já o encontrara em todos eles. Por esse motivo, chegara ao morro do Juramento, no subúrbio da Leopoldina, dando tiro em tudo quanto era bandido, derrubando barraco aos pontapés, gritando que quem mandava ali agora era o Grande: o Grande que tomou a maioria das bocas-de-fumo dos morros da Zona Sul; o Grande de quase dois metros

de altura, com disposição para encarar cinco ou seis homens na mão de uma só vez; o Grande que tinha uma metralhadora conseguida na marra de um fuzileiro naval em serviço na praça Mauá; o Grande que teve sangue-frio para cortar o seu próprio dedo mindinho e colocá-lo num cordão; o Grande que matava policiais por achar a raça a mais filha da puta de todas as raças, essa raça que serve aos brancos, essa raça de pobre que defende os direitos dos ricos. Tinha prazer em matar branco, porque o branco tinha roubado seus antepassados da África para trabalhar de graça, o branco criou a favela e botou o negro para habitá-la, o branco criou a polícia para bater, prender e matar o negro. Tudo, tudo que era bom era dos brancos. O presidente da República era branco, o médico era branco, os patrões eram brancos, o-vovô-viu-a-uva do livro de leitura da escola era branco, os ricos eram brancos, as bonecas eram brancas e a porra desses crioulos que viravam polícia ou que iam para o Exército tinha mais era que morrer igual a todos os brancos do mundo.

(Paulo Lins, *Cidade de Deus*.)

09. A partir da temática abordada pelo texto, responda:

- a) Qual é o problema social central dos morros cariocas, retratado pelo texto de Paulo Lins?
- b) Por que a personagem Grande nutre ódio pelos policiais e pelos brancos?

10. Com relação a questões de linguagem presentes no texto de Paulo Lins, responda:

- a) Como deve ser entendida a palavra *boca* na frase que inicia o trecho do romance de Paulo Lins reproduzido: *A boca era de Sérgio Dezenove ...*?
- b) Seria correto afirmar que o enunciador do texto vale-se, na maioria das vezes, da reprodução da modalidade oral da língua para construir seu discurso? Justifique sua resposta por meio de exemplos retirados do texto.

REDAÇÃO

INSTRUÇÃO: Leia os textos a seguir:

O sistema de cotas para negros não é uma panacéia, mas um remédio amargo, necessário em fases de transição. A opinião é do secretário de Combate à Discriminação Racial do PT, Martvs (pronuncia-se Martius) Chagas. De acordo com Chagas a visão “monocromática” que se costuma ter no Brasil impede de reconhecer que a pobreza, aqui, coincide com a cor da pele negra, e portanto, as iniciativas governamentais devem ter um caráter racial. Formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Chagas, de 35 anos, é cotado para ocupar o cargo de secretário nacional de Promoção da Igualdade Racial, cuja criação foi anunciada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva na segunda-feira. Em entrevista ao “Estado”, ele diz que as cotas não serão a única medida nessa área, e que a promoção dos negros envolverá todos os órgãos do governo.

Estado – O sistema de cotas para negros seria uma solução de curto a médio prazo?

Chagas – Exatamente. Não é uma panacéia que solucionará os graves e agudos problemas enfrentados historicamente pelos negros no Brasil. Mas servirá de denúncia e de aporte a outras medidas na área governamental, que envolverão todos os órgãos e dirão respeito a 46% da população deste país. Ao contrário do que muitos dizem, não se trata de reserva de mercado. Trata-se de atender a uma grande parcela da população brasileira, não a um nicho de privilegiados.

Estado – O Brasil tem muitos brancos pobres, que também estudam em escolas públicas e enfrentam os mesmos problemas que os negros pobres. Como o sr. acha que eles reagirão?

Chagas – As estatísticas não confirmam a sua afirmação. Segundo dados do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e o Censo de 2000, do total de pobres, 64% são negros. Da população indigente, 69% são negros. Não há tantos brancos pobres assim. É lógico que, num país totalmente desigual como este, tem que ser levado em consideração que qualquer ação governamental voltada para os pobres terá cor e raça.

(O Estado de S.Paulo, 16.02.2003.)

*

(...) O argumento mais conhecido para a criação de cotas é que os escravos foram libertados sem nenhuma indenização, e lançados numa situação de miséria e discriminação que até hoje afeta seus descendentes. O diagnóstico é certo, mas a genética mostra que boa parte dos afetados por essas gerações de miséria são pessoas hoje vistas como “brancos”.

Pode-se dizer que as cotas não devem compensar pelo passado, mas garantir oportunidades num presente em que a cor da pele faz diferença na hora de entrar na fila e procurar emprego. Nesse caso, é preciso definir a partir de que tonalidade alguém se torna negro. A resposta será uma em Salvador e outra no interior do Rio Grande do Sul. Pior, não há critério

para desempate. “Raça”, em seres humanos, não é conceito científico – como chegou a sugerir o então candidato a presidente Lula, num debate na TV Globo no ano passado –, mas mera interpretação cultural.

(Época, 17.02.2003.)

*

O primeiro dia de inscrição do vestibular da Universidade de Brasília (UnB) deu uma amostra do quanto o sistema de cotas ainda provoca polêmica entre os candidatos – sejam eles beneficiados ou não. A universidade, que pela primeira vez reservou 20% das vagas para negros, criou uma regra para evitar abusos. Ao fazer inscrição, candidatos que optam pelo grupo das cotas têm de tirar uma fotografia, que será avaliada por uma comissão.

“Existem 200 tipos de negros. Se eu não for aprovado, recorro à Justiça”, afirmou o estudante Ricardo Zanchet, de 18 anos, que pela terceira vez concorre a uma vaga para o curso de Química. O rapaz reconhece que seus traços nem de longe lembram os da raça negra. “Não importa.” Como forma de protesto contra o sistema de cotas, Zanchet pensou em ir com o rosto pintado de preto. “Mas pensei bem e percebi que teria minha inscrição indeferida. Não quis perder a chance.”

Viviane Ramos de Souza, de 17 anos, que é negra, contou ter pensado duas vezes antes de concorrer ao vestibular pelo sistema. Candidata ao curso de Jornalismo, a estudante disse temer sobretudo a discriminação dos colegas, no caso de ser aprovada no vestibular. “Errei ao preencher a inscrição e resolvi arriscar.” Para ela, o sistema de cotas é em parte injusto, porque impede que candidatos mais bem preparados sejam aprovados.

Não é o que pensa Anderson Rosa Nascimento, de 20 anos. Ele está convicto de que tal sistema poderá reparar injustiças históricas e ampliar a participação de negros no mercado de trabalho. Principalmente em profissões em áreas valorizadas, como Medicina e Direito. “Precisamos aumentar essa participação, para ter mais influência nas decisões do País.” A estudante Edimarcia Ramos Araújo também não tem dúvidas de que as cotas são um instrumento para reparar injustiças.

(O Estado de S.Paulo, 13.04.2004.)

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Com base na leitura dos textos apresentados e de outras que já tenha feito sobre o assunto, escreva um texto dissertativo que deverá ter o seguinte título:

O SISTEMA DE COTAS PARA NEGROS NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS.

Sua redação deverá ser redigida em prosa e obedecer aos padrões da norma culta do português do Brasil.

